

Em uma carta da imperatriz Leopoldina, a relação entre o “eu”, o “tu” e os verbos enquanto elementos encurtadores espaço-temporais

Wilian Dal' Ponte¹

Claudia Toldo²

Resumo

A Teoria Enunciativa de Émile Benveniste permite que os ensinamentos difundidos por seu idealizador sejam aplicados no estudo e em análises de diferentes textos. Nesse sentido, este trabalho objetiva, de modo geral, demonstrar que os pronomes “eu” e “tu”, junto dos verbos, são elementos encurtadores espaço-temporais no processo de trocas enunciativas realizadas pela imperatriz Leopoldina. Tal fato origina-se da hipótese de que a categoria de pessoa, expressa por “eu” e “tu”, auxiliada pelos verbos, atua como elo de reaproximação entre Leopoldina e a corte dos Habsburgo-Lorena. A fim de realizar essa tarefa bibliográfico-reflexiva, serão mobilizados conceitos integrantes das obras *Problemas de lingüística geral I* (2005) e *Problemas de lingüística geral II* (2006), ambas de Benveniste, enriquecidos pelo pensamento de estudiosos da teoria do autor. Em uma carta leopoldinense, os pronomes “eu” e “tu”, além dos verbos, produzirão, logo, diferentes efeitos de sentido.

Palavras-chave: Enunciação; Leopoldina; Carta; Pronomes; Verbos

Data de submissão: Maio. 2023 – Data de aceite: Julho. 2023

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v19i2.15122>

¹ Wilian Dal' Ponte possui Graduação em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas (UPF/2008), Especialização em Língua Portuguesa – Novos Horizontes de Estudo e Ensino (UPF/2010), Mestrado em Letras (UPF/2013) e, atualmente, é discente do curso de Doutorado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. Na área acadêmica, atua, principalmente, nos seguintes temas: Língua, Linguagem, Linguística, Teoria Enunciativa de Émile Benveniste. <https://orcid.org/0000-0002-2099-7720>. E-mail: wiliandp84@yahoo.com.br

² Professora tempo integral de Língua Portuguesa e Linguística no Curso de Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF/RS). Possui Graduação em Letras pela UPF/RS (1990), Especialização em Ensino de Língua Portuguesa pela PUC/MG (1992), Mestrado em Letras pela UFRGS (1999), Doutorado em Linguística pela PUC-RS (2002) e Pós-doutorado em Linguística, na UFRGS (2012). Atualmente é supervisora de ensino da Rede de Educação Notre Dame. Na UPF, atua como professora de Língua Portuguesa e Linguística do Curso de Graduação em Letras e professora/orientadora do Programa de Pós-graduação (Mestrado e Doutorado) em Letras, da mesma Universidade. Atualmente é Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras/PPGL. É pesquisadora e bolsista Produtividade em Pesquisa - PQ/CNPQ. <https://orcid.org/0000-0002-2960-0734> E-mail: claudiast@upf.br

Introdução

As Ciências Humanas vêm conquistando, ao longo do tempo, um importante espaço no cenário acadêmico. A Linguística – enquanto campo do saber inserido nesse panorama – abarca, gradativamente, pesquisadores que se dedicam ao estudo da língua e da linguagem, produzindo conhecimentos. A partir disso, a Teoria Enunciativa de Émile Benveniste se configura, hoje, como uma ramificação linguístico-científica, pois ela possibilita observar e interpretar o trinômio “língua, linguagem e sujeito” sob uma perspectiva original.

Este trabalho se apresenta como contribuinte tanto à Linguística quanto à Teoria da Enunciação, visto que realizará a intersecção entre as Ciências da Linguagem e a História, clarificando aspectos de ambas as áreas. Ele trará contribuições, pois atuará como alternativa de complementação de alguns conceitos teóricos inerentes à enunciação benvenistiana. Estruturas já consolidadas na língua como os pronomes (o “eu” e o “tu”, especificamente), além dos verbos e das noções de tempo e espaço, servirão como elementos representativos de questões que serão aqui estudadas e que necessitam de respostas um pouco mais concretas, visando à estabilidade conceitual.

A personagem histórica que integrará o texto – a imperatriz Leopoldina – escreveu, ao longo de seus vinte e nove anos, mais de mil cartas destinadas a diversos destinatários, localizados em diferentes espaços. Isso motiva nosso interesse em aprofundar os estudos acerca dessa emblemática personagem da história do Brasil.

Há de se fazer referência à representatividade histórica que este trabalho assume. É fato comprovado que o povo brasileiro, salvo exceções, não conhece sua própria história e os vultos simbólicos que a compuseram ao longo de mais de cinco séculos. Leopoldina (austriaca e primeira imperatriz do Brasil) é desconhecida pela quase totalidade populacional de nosso país, ilustrando um contexto que reflete a perda gradual da identidade cultural nacional. A reflexão que será aqui construída atuará como forma de resgate da importância que o acervo composto por fatos e sujeitos históricos exerce no processo de edificação identitária de nossa nação.

As cartas escritas pela imperatriz Leopoldina “abrem o baú” no qual repousam amores, devaneios e ideais. Sejam elas intimistas, sejam líricas, políticas ou saudosistas, todas têm traços subjetivos, espaciais e temporais. Percorrendo os atalhos da matéria vivida, a leitura das cartas leopoldinenses é uma “janela aberta” para o passado, descortinando fatos que sobrevivem no presente.

O gênero textual carta enquadra-se no que se convencionou nomear como “enunciação de discurso” (BENVENISTE, 1959). As cartas escritas pela imperatriz Leopoldina foram elaboradas no passado, estando, o locutor, sujeito às ações inerentes ao tempo de seu dizer. O trinômio “narrativa, acontecimento e passado” (BENVENISTE, 1959) é determinado, por sua vez, em todas as ocorrências nas quais se materializa, pela intenção

histórica (propriedade que situa o sujeito em um contexto histórico), sendo ela o verdadeiro indicador da temporalidade subjetiva que perpassa a língua.

A escrita, enquanto processo de elaboração textual, tem a propriedade de arquivar aspectos como as angústias, os desejos, as emoções, os sentimentos e os sonhos do homem. O compartilhamento de acontecimentos, boas novas, dúvidas e pensamentos faz parte do território de abrangência do gênero textual carta.

A fim de sugerir novas perspectivas de estudo a partir do horizonte temático aqui abordado, este texto tem o anseio de lançar um novo olhar acerca da natureza constitutiva do par pronominal “eu” e “tu”, e também dos verbos, configurando-os como elementos gramaticais, linguísticos, enunciativos (sob a luz dos fundamentos teóricos de Émile Benveniste) e, principalmente, índices de encurtamento e aproximação de distâncias espaço-temporais entre diferentes sujeitos. Isso será contributivo ao ineditismo que o contexto teórico-científico acadêmico almeja.

Os indicadores pronominais “eu” e “tu”, além dos verbos, são capazes de materializar o outro, mesmo que tal fato não ocorra presencialmente, em situações de interação enunciativa. Diante disso, os elementos linguísticos “eu” e “tu” são tópicos que motivam reflexões quanto a sua natureza constitutiva. Os pronomes, em sua totalidade, são componentes do sistema comunicativo humano que, tanto no que tange à forma quanto no que é inerente à função que desempenham, cristalizam-se, constituindo uma classe unitária. O comportamento pronominal se manifesta a partir de duas distintas diretrizes: 1^a alguns pronomes fomentam a sintaxe da língua e 2^a outros caracterizam as instâncias discursivas.

Os pronomes “eu” e “tu” possuem a propriedade de submeter-se à categorização de pessoa. Há, sem exceção, nos sistemas linguísticos universais, três pessoas apenas que, relacionadas e intercaladas, garantem o processo de trocas inerente à comunicação humana. Ter o conhecimento sobre como determinada categoria pessoal se opõe às demais é imprescindível, pois somente observando o que a diferencia em detrimento às possíveis semelhanças frente às demais é que se poderá compreender seu mecanismo enunciativo de engendramento.

A correlação que se estabelece entre as pessoas “eu” / “tu” intensifica a propriedade de autonomia da língua. O par pronominal, construído a partir da junção entre o “eu” e o “tu”, auxilia na formação de uma corrente de sentidos, cujos elos são inseparáveis. A partir disso, há a interatividade entre enunciador e enunciatário. Seja através da manifestação da correlação de subjetividade, seja por meio da materialização da pessoa estrita ou da pessoa amplificada, a enunciação benvenistiana colabora à medida que oportuniza compreender a língua como um sistema integrado.

Instaura-se, pois, a questão norteadora que motiva o desenvolvimento deste trabalho: são, os pronomes “eu” e “tu”, auxiliados pelos verbos, elementos encurtadores espaço-temporais no processo de trocas enunciativas realizadas pela imperatriz

Leopoldina?

O objetivo geral, a partir da motivação delineada, é demonstrar que os pronomes “eu” e “tu”, junto dos verbos, são elementos encurtadores espaço-temporais no processo de trocas enunciativas realizadas pela imperatriz Leopoldina. Já quanto aos objetivos específicos, três intenções farão parte do trabalho:

1ª mostrar que o par pronominal “eu” e “tu” é traço linguístico-enunciativo atenuante e redutor de distâncias entre diferentes enunciadoreis inseridos no âmbito da enunciação;

2ª reconhecer que tanto o indicador de subjetividade eu quanto o tu são capazes de materializar o outro, mesmo que tal fato não ocorra presencialmente, em situações de interação enunciativa;

3ª verificar o comportamento pronominal e verbal, enquanto índices instauradores de subjetividade, em um determinado espaço e tempo, a partir de um texto pertencente ao gênero carta, escrito por Leopoldina a um enunciadoreis.

Esses anseios originam-se da hipótese de que os pronomes “eu” e “tu”, auxiliados pelos verbos, atuam como elos de reaproximação entre Leopoldina e a corte dos Habsburgo-Lorena.

Este trabalho, então, utilizará como base a Teoria Enunciativa de Émile Benveniste. A partir da obra Problemas de lingüística geral I (2005), mobilizaremos os seguintes textos: a) A Natureza dos pronomes (1956), b) Da subjetividade na linguagem (1958), c) Estrutura das relações de pessoa no verbo (1946) e d) As relações de tempo no verbo francês (1959). Faremos uso, também, da abordagem teórica realizada por estudiosos de Benveniste.

Quanto à estrutura e à abordagem que serão desenvolvidas no decorrer do artigo, ele estará organizado da seguinte forma:

a) A carta: na escrita de Leopoldina, o comportamento linguístico de um gênero revelador. Nesta seção, serão apresentadas as características do gênero carta, seu modo de manifestação, suas particularidades constitutivas e a participação da imperatriz Leopoldina enquanto autora de cartas;

b) O “eu”, o “tu” e os verbos: a materialização enunciativa na escrita de cartas. Neste espaço do texto, abordaremos o “eu” e o “tu”, como constituintes da categoria de pessoa, além dos verbos, atuando como elementos que fazem da escrita da carta uma prática enunciativa;

c) Os procedimentos metodológicos. O espaço destinado à metodologia apontará as diretrizes que seguiremos, posteriormente, na análise do corpus, definindo as linhas científicas de trabalho que serão adotadas;

d) A análise: a confluência entre a teoria e a prática investigativa. A partir da perspectiva de que fazer ciência é uma arte, analisaremos, nesta seção do texto, uma carta leopoldinense, observando a manifestação de elementos linguístico-enunciativos;

e) Considerações finais. Feita a explanação teórica e, também, o exercício analítico, esse momento do artigo apresentará as conclusões elaboradas a partir da abordagem que será realizada neste trabalho;

f) Referências. No último momento do texto, mencionaremos as obras de autores nacionais e internacionais que foram utilizadas no processo de elaboração do artigo.

A união de duas esferas culturais (a Linguística e a História), as respostas a tópicos ainda pouco investigados e a oportunidade de instauração de novas possibilidades de estudo no campo enunciativo são fatores que justificam a realização dessa atividade inerente ao fazer-saber.

A carta: na escrita de Leopoldina, o comportamento linguístico de um gênero revelador

“Ao sol / carta é farol”

Mário de Andrade

Encontrar um paradoro às reminiscências e à exteriorização das angústias e dos anseios humanos sempre foi, e ainda é, uma necessidade. As inúmeras páginas em branco que foram preenchidas ao longo da história revelam a transposição, via-escrita, de elementos íntimos que se materializaram, através de registros verbais, em textos do gênero carta.

A personagem histórica que integrará esta atividade investigativa – a imperatriz Leopoldina – escreveu, durante sua trajetória existencial, inúmeras cartas destinadas a diversos destinatários (enunciatários), localizados em diferentes espaços no tempo. Isso motiva a discussão acerca da carta.

Seja ostentando a designação de “carta”, seja manifestando-se por meio do termo “correspondência”, esse gênero textual constitui-se como manifestação verbal de tradição milenar, pois ele atravessou, ao longo do tempo, fronteiras que pareciam, antes, intransponíveis, perpetuando-se até a atualidade. Aspectos relevantes intrínsecos à carta como, por exemplo, a materialização do outro, apesar de sua ausência no que tange à personificação presencial, são fundamentais para que se possa compreendê-la.

Acerca disso, Eliane Robert Moraes, 2000, p. 55, em seu texto intitulado *A cifra e o corpo*: as cartas de prisão do marquês de Sade, explica que “Para um prisioneiro, talvez mais do que para qualquer outro homem, as cartas se rendem forçosamente ao seu sentido primeiro: o de **abolir distâncias**”. (grifos nossos). Eis aí, então, um dos mais importantes traços constitutivos da carta.

Indispensável é fazer menção, também, à dupla faceta que integra, subliminarmente, a carta: a impossibilidade de dizer (tudo ao locutor) e o impedimento de calar totalmente (diante do interlocutor). Em meio a essa mescla entre a intimidade, a

privacidade e o segredo, o enunciador consegue, através da escrita da correspondência, realizar a alternância materializada na antítese “comunicação versus solidão”. O fato de não poder fazer a troca verbal, face a face, com outro indivíduo, ocorreu, outrora, e ainda ocorre, hoje, devido a circunstâncias como a distância territorial, as separações, as viagens e os exílios, dentre tantas outras. À carta é atribuída, assim, a função de mediadora, facilitando a interação em uma comunidade linguística.

A escrita da correspondência leopoldinense exerce, além da funcionalidade enunciativa, a propriedade de materializar aspectos não só linguísticos mas também psicológico-comportamentais da imperatriz. O compartilhamento de acontecimentos bons e ruins, as incertezas, os pensamentos e as decisões fazem parte do extenso campo de alcance do gênero textual carta.

Não traduzindo o título o teor do texto, E. M. de Melo e Castro, 2000, p. 15, no artigo Odeio cartas, faz alusão ao fato de que na correspondência

O hoje da recepção e da leitura vem sempre depois do hoje da escrita e do envio, que agora é já um ontem, e esses dois hojes, sendo desfazados no tempo, contêm a possibilidade quase certa e angustiante de aquilo que nas cartas se lê já não corresponder ao que está acontecendo [...] Não sendo ficção, todas as cartas acabam por nos dar versões ficcionadas daquilo que nos querem dizer, existindo um hiato profundo entre o que o autor da carta nos quis comunicar, o que ele escreveu na carta e aquilo que o destinatário mais tarde lerá [...] É que nas cartas, que são escrita, trata-se obviamente de um código em que o que se comunica é uma metarrealidade. (E. M. DE MELO E CASTRO, 2000, p. 15)

A imperatriz Leopoldina, ao escrever suas cartas, revela-se, mesmo que parcialmente, subjetivando-se no âmbito da enunciação engendrada no princípio de correspondência entre o locutor e o interlocutor. Tanto as cartas subjetivistas quanto as de amor, de cunho político e as mnemônicas têm, em seu interior, índices subjetivos, espaciais e, também, temporais.

Os fatos peculiares de um Império em construção são descortinados pelo olhar da imperatriz. O conteúdo da produção textual leopoldinense atua como um instrumento que permite realizar a volta ao passado brasileiro, vivenciando acontecimentos que se mantém, ainda, latentes na atualidade nacional.

O gênero textual carta, devido ao seu cunho escrito, enquadra-se, de acordo com os preceitos da Teoria Enunciativa de Émile Benveniste, no que se convencionou nomear como “enunciação histórica” (BENVENISTE, 1959). Essa é a enunciação escrita, pois as cartas redigidas pela imperatriz Leopoldina foram elaboradas no passado, estando, o locutor, sujeito às ações inerentes ao tempo de seu dizer. O trinômio “narrativa, acontecimento e passado” é determinado, por sua vez, em todas as ocorrências nas quais se materializa, pela intenção histórica, sendo ela o verdadeiro indicador da temporalidade que perpassa a língua.

Esta seção, em suma, abordou a questão da carta, enquanto gênero textual

revelador de características que remetem o leitor à subjetividade inerente ao locutor, especialmente à Leopoldina. Em seguida, passaremos a tratar da propriedade de materialização enunciativa, a qual é gerada pela presença da categoria de pessoa e dos verbos.

O “eu”, o “tu” e os verbos: a materialização enunciativa na escrita de cartas

“A categoria da pessoa pertence realmente às noções fundamentais e necessárias do verbo”

Émile Benveniste

A Teoria da Enunciação de Émile Benveniste conquista, ininterruptamente, cada vez mais adeptos, os quais demonstram interesse em ver a língua e a linguagem sob um novo olhar, a partir – principalmente – dos estudos desenvolvidos por Ferdinand de Saussure. Estudiosos de Benveniste como Claudia Toldo, Valdir do Nascimento Flores e Dany-Robert Dufour também contribuirão a esta discussão.

Acerca desse panorama, os pesquisadores Claudia Toldo e Valdir do Nascimento Flores, 2015, p. 41, no artigo intitulado *Esboço de uma abordagem enunciativa do texto*, deixam claro que a

Dita “teoria da enunciação” de Benveniste não existe de modo conclusivo tal como vemos em outros autores. Na verdade, Benveniste não escreveu, em termos próprios, uma teoria. O que temos é um conjunto de artigos reunidos em dois volumes – Problemas de linguística geral I e II (PLG I e PLG II) –, nos quais é possível perceber que o autor elabora uma reflexão que tem certa continuidade, mas também muitas descontinuidades. (grifo dos autores). (TOLDO; FLORES, 2015, p. 41)

Os elementos linguísticos “eu” e “tu” são, diante disso, tópicos que motivam inúmeras reflexões quanto a sua natureza. Os pronomes – em sua totalidade – são componentes do sistema comunicativo humano que, tanto no que tange à forma quanto no que é inerente à função que desempenham, cristalizam-se, constituindo uma classe fundamental à língua. Há de se fazer referência ao fato de que o comportamento pronominal se manifesta a partir de duas distintas diretrizes:

1ª alguns pronomes fomentam a sintaxe da Língua;

2ª outros, por sua vez, caracterizam as instâncias discursivas.

Interpretados, sob o prisma de Benveniste, como signos, é pouco provável encontrar, em um texto de caráter científico, por exemplo, a presença pronominal explícita (especificamente a do “eu” e a do “tu”). Isso ocorre em virtude de que nessa modalidade textual há, tradicionalmente, o predomínio de formas pronominais que remetem à primeira pessoa do plural ou ao índice indeterminante “se”.

Esse cenário recebe, na perspectiva benvenistiana, o acréscimo de uma outra configuração: tais índices carregam consigo a propriedade de atualizar-se a cada diferente instante em que são utilizados, construindo o processo que materializa a singularidade linguística, configurando os pronomes não mais como uma classe, mas ressignificando-os em categoria de pessoa. O convite à reflexão é feito por Émile Benveniste, 2005, p. 278, através do qual ele indaga: “Qual é, portanto, a “realidade” à qual se refere *eu* ou *tu*? Unicamente uma “realidade de discurso”, que é coisa muito singular.”. (grifos do autor). Isso possibilita contemplar a natureza multifacetada que integra a essência linguística.

A linguagem – compreendida como exercício – possui representatividade no que tange à caracterização da funcionalidade dos pronomes. Os indicadores de subjetividade eu e tu não são elementos linguísticos estáveis, visto que são suscetíveis à mobilidade intrínseca à *práxis* da língua.

O princípio de imobilidade que perpassa alguns componentes gramaticais, por exemplo, não se perpetua no esteio da Teoria Enunciativa. Essa concepção científica traduz-se, com exatidão, por meio das formulações de Benveniste, 2005, p. 281, através das quais o linguista menciona que o

Hábito nos torna facilmente insensíveis a essa diferença profunda entre a linguagem como sistema de signos e a linguagem assumida como exercício pelo indivíduo. Quando o indivíduo se apropria dela, a linguagem se torna em instâncias de discurso, caracterizadas por esse sistema de referências internas cuja chave é eu, e que define o indivíduo pela construção lingüística particular de que ele se serve quando se enuncia como locutor. Assim, os indicadores eu e tu não podem existir como signos virtuais, não existem a não ser na medida em que são atualizados na instância de discurso, em que marcam para cada uma das suas próprias instâncias o processo de apropriação pelo locutor. (grifos do autor). (BENVENISTE, 2005, p. 281)

Não só os pronomes “eu” e “tu”, mas também os verbos tem sido objeto de investigação de pesquisadores ao longo do tempo. Do mesmo modo que os elementos pronominais, as estruturas verbais possuem a propriedade de submeter-se à categorização de pessoa, visto que – devido a aspectos provenientes da gramática grega – a conjugação verbal dá-se a partir da enumeração pessoal.

Há, sem exceção, nos sistemas linguísticos universais, três “pessoas” apenas que, inter-relacionadas e intercaladas, garantem o processo de trocas inerente à comunicação humana. Ter o real conhecimento sobre como determinada categoria pessoal se opõe às demais é imprescindível, pois somente observando o que a diferencia em detrimento às possíveis semelhanças frente às demais é que se poderá contemplar seu mecanismo enunciativo de engendramento.

A relação existente entre o “eu” (locutor) e o “tu” (interlocutor) é um aspecto sempre presente na escrita de cartas. Sobre essa correlação, Dany-Robert Dufour, 2000, p. 80, deixa claro que “O dispositivo da primeira diáde permite trocar com meu interlocutor a forma unária que desemboca no mundo antes de todo controle, escapando a toda inscrição

na ordem verdadeiro/falso. Digam o que disserem, é esta forma, é este gozo, perdido desde que encontrado, que procuramos em cada uma das nossas alocuções, sob a troca obstinada e vã dos objetos, diversos, heteróclitos, que nosso discurso carrega.”. A reciprocidade se constrói na carta por intermédio da mobilização da intersubjetividade inerente à enunciação.

A correlação que se estabelece entre as pessoas *eu* e *tu* e seus verbos enunciativos correspondentes (os que se referem à primeira e à segunda pessoa do singular) intensifica a propriedade de autonomia da língua. Alguns idiomas como, por exemplo, o coreano não possuem a expressão referente à “pessoa”, sendo mobilizadas, a fim de possibilitar o entendimento, diferenciações de natureza social próprias de cada um dos possíveis interlocutores.

Emerge, como argumento que comprova tais considerações, uma constatação feita por Émile Benveniste, 2005, p. 250, através da qual se pode depreender que “a categoria da pessoa pertence realmente às noções fundamentais e necessárias do verbo”. Isso suscita, como consequência, um modo não convencional de interpretar a enunciação: é fundamental concebê-la a partir do caráter contribuinte estabelecido por meio da relação “homogeneidade versus instabilidade”.

O par pronominal, construído a partir da junção entre o “eu” e o “tu”, justaposto aos verbos, auxilia na formação de uma corrente de múltiplos sentidos, cujos elos são, necessariamente, inseparáveis.

A maneira através da qual os verbos se manifestam na enunciação é ilustrada por Benveniste, 2005, p. 258, o qual revela que há, por exemplo, expressões

Nas quais se misturam a necessidade de dar a “nós” uma compreensão indefinida e a afirmação voluntariamente vaga de um “eu” prudentemente generalizado. De maneira geral, a pessoa verbal no plural exprime uma pessoa amplificada e difusa. O “nós” anexa ao “eu” uma globalidade indistinta de outras pessoas. Na passagem do “tu” ao “vós”, quer se trate do “vós” coletivo ou do “vós” de polidez, reconhece-se uma generalização de “tu”, seja metafórica, seja real, e em relação à qual, nas línguas de cultura sobretudo ocidentais, o “tu” assume freqüentemente valor de alocução estritamente pessoal, portanto familiar. (grifos do autor). (BENVENISTE, 2005, p. 258)

O “eu”, o “tu” e os verbos: a partir desses elementos ocorre a solidez da interatividade entre locutor e interlocutor na carta. Seja através da manifestação da “correlação de subjetividade” (BENVENISTE, 1946), seja por meio da materialização da “pessoa estrita” (BENVENISTE, 1946) ou da “pessoa amplificada” (BENVENISTE, 1946), a enunciação benvenistiana se torna interessante à medida que viabiliza a oportunidade da língua ser compreendida como um sistema integrado.

Tratamos, nesta seção, do “eu” e do “tu” enquanto pronomes e do eu e do tu como constituintes da categoria de pessoa. O próximo momento do trabalho fará a abordagem do espaço e do tempo, a partir da perspectiva enunciativa de Émile Benveniste, visto que

ambos os elementos são integrantes da escrita da carta.

Os procedimentos metodológicos

A pesquisa científica demanda criatividade, ousadia e rigor (no que tange à metodologia), a fim de que a hipótese e os objetivos, previamente definidos, sejam confirmados.

Este trabalho se configura como científico, pois obedecerá ao que diz Cleber Cristiano Prodanov e Ernani Cesar de Freitas, 2009, p. 139, os quais afirmam que “a investigação científica depende de um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos para que seus objetivos sejam atingidos: os métodos científicos”. Essa consideração será seguida, proporcionando êxito à pesquisa.

Concebido a partir de materiais que já foram publicados, este artigo possui caráter bibliográfico e exploratório, haja vista que pretende tornar explícita a questão norteadora, fazendo questionamentos acerca dela. Há de se mencionar, também, que, devido ao viés histórico que o perpassa, esta atividade de análise faz jus à rotulação “*Ex-post-facto*”, pois o experimento investigativo dar-se-á posteriormente aos fatos ocorridos. A coleta de dados utilizada caracteriza nossa tarefa como qualitativa, almejando interpretar e atribuir significados a elementos linguísticos relevantes.

Fundamental é fazer menção ao corpus que embasa essa atividade. A obra intitulada *D. Leopoldina, Cartas de uma imperatriz*, publicada, no ano de 2006, pela editora Estação Liberdade, contém o texto (pertencente ao gênero carta) que será apreciado ao longo do processo de análise.

A carta leopoldinense que será utilizada na elaboração da análise foi produzida e enviada, posteriormente, a um enunciatário, estando, Leopoldina e o destinatário, em diferentes espaços e tempo.

Diante disso, na análise enunciativa e interpretação dos dados serão utilizados os seguintes procedimentos metodológicos:

1º Selecionar uma carta escrita pela imperatriz Leopoldina do momento histórico no qual ela se encontra na Europa. Isso será feito com o intuito de ilustrar um contexto histórico que influenciou a escrita leopoldinense.

Em seguida, na carta serão examinados:

2º Marcas enunciativas referentes ao “eu”, a fim de mostrar que elas são elementos encurtadores de distâncias espaço-temporais no processo de trocas enunciativas realizadas pela imperatriz Leopoldina.

3º Índices inerentes ao “tu”, revelando que eles são traços linguístico-enunciativos atenuantes, aproximativos e redutores do tempo de natureza cronológica que transcorre entre diferentes enunciadores inseridos no âmbito da enunciação.

4º Verbos (dos tempos passado, presente e futuro) correspondentes tanto ao “eu”

quanto ao “tu”, demonstrando que eles têm a capacidade de materializar o outro, mesmo que tal fato não ocorra presencialmente, em situações de interação enunciativa.

Resta, feito isso, a execução de mais dois mecanismos indispensáveis:

5° Realizar a análise dos dados colhidos.

6° Estabelecer a conclusão, posteriormente ao exercício analítico.

Definidas as linhas de trabalho, essa tarefa investigativa ganha uma dimensão mais real, pois ela estará amparada nos escopos metodológicos da perspectiva enunciativa benvenistiana, garantindo sua validade frente ao universo acadêmico.

A análise: a confluência entre a teoria e a prática investigativa

A arte de fazer ciência exige que recursos tanto teóricos quanto técnicos sejam considerados. Para cada área científica, dispositivos de análise são aplicados, atendendo às exigências da amostra a ser verificada. É necessária a padronização, a qual se desenvolve a partir de critérios de organização previamente definidos no âmbito do aparato teórico-metodológico.

Fazer ciência, e mais especificamente desenvolver uma análise, é colocar em funcionamento um mecanismo sistêmico e relacionado de variáveis de estudo. A busca pelo encontro de respostas às indagações, motivada pela construção do conhecimento, exige o distanciamento da dúvida, estando calcada na simplificação de questões até então imbricadas.

A partir desse contexto, a carta leopoldinense que motivará o exercício analítico já pode ser apresentada:

[Praga, maio de 1810?]

Queridíssima Luísa!

Tua carta tão carinhosa me trouxe alegria extraordinária e grande pesar ao mesmo tempo, pois percebi que ainda não ficaste boa; também me preocupa que não tenhas recebido as cartas que te enviei de Praga, nas quais descrevi vários prazeres que desfrutei. Agora quero contar o que tenho feito desde então. Há alguns dias estivemos em Thrin, uma igreja muito suja que só é digna de ver por suas antiguidades. Lá fica o túmulo de Tycho Brahe, um astrônomo famoso que o Imperador Carlos IV mandou buscar da Suécia. Seu observatório fica no jardim do palácio. No mesmo dia fomos para Wischerath, onde também há uma igreja. Lá se conta uma história bastante estranha, de que o diabo apostou com um padre que traria uma coluna de uma igreja de Roma antes que este terminasse de rezar a missa, mas o padre rezou a missa mais rápido e o diabo, furioso, jogou a coluna do alto da igreja. Hoje se pode vê-la destrocada no chão. Ali também se conserva uma imagem de Nossa Senhora, que dizem ter sido pintada por São Lucas. No outro dia fomos para [...]. Mamãe foi conosco e também desceu da carruagem. Esse passeio público é muito bonito, e com o tempo ficará mais bonito ainda. Também estivemos no parque Wimmer, que se parece com o terreno descampado diante de uma fortaleza. Um dia antes de irmos até esse parque, aconteceram bailes no castelo do Conde Wallis e no nosso. O nosso foi um baile para crianças onde dancei muito. Pensei muito em ti porque também gostas tanto de dançar. Mas agora tenho uma coisa para contar que vai te divertir muito: a descrição exata da universidade local. Saímos de casa às cinco horas. Primeiro nos mostraram salões muito grandes, onde se organizam palestras e assembléias; um deles era da Faculdade de Medicina, onde nos mostraram uma mesa em forma de [...] sobre a qual muitos cadáveres já foram dissecados. De lá fomos para outra ala, onde há seis salões grandes cheios de livros; alguns deles são tão raros que nem mesmo o querido papai os possui; a biblioteca inteira, sem os manuscritos, reúne mais de cem mil volumes. De lá fomos para o observatório dirigido por um astrônomo famoso, padre David Preinonstratzenzer. Há muitos instrumentos lindos,

especialmente um que é exemplar único; também se vêem ali relógios astronômicos especialmente bonitos. O que mais me agradou tinha um galo em cima que cantava e batia as asas sempre que o relógio badalava. Quase ia me esquecendo de dizer que na biblioteca há globos terrestres magníficos. De lá fomos ao laboratório de química, cujo mau cheiro era tamanho que agüentamos só cinco minutos. Depois fomos para o gabinete dos minerais, que contém exemplares raros em mais de 51 vitrines. Eu poderia passar o dia inteiro lá dentro sem comer nada; desde que estive em Praga aumentei minha coleção com algumas pedras e exemplares lindos. Também vimos as duas igrejas, que são extraordinariamente grandes e belas. Depois disso, durante um passeio de Praga a Lieben, fomos assaltadas por um habitante de Praga e tivemos que esperar pelas carruagens numa cabaninha precária perto de Troja, que fica entre Praga e Lieben; meus pés ficaram totalmente molhados. Anteontem tivemos um baile na casa do Conde Philip Kinzky. Foi muito divertido e dancei bastante. Ontem foi aberto o esquife de São João, mas o papai descobriu que ele está desaparecido há seis anos; muita gente estava lá para ver São João. Atrevo-me a mandar uma imagem do santo que comprei para Sua Majestade, a Imperatriz da França. Ontem à tarde estive na montanha Takel, de onde se tem uma vista magnífica. Pena que havia uma tempestade horrível lá em cima. Ontem a querida mamãe não se sentiu bem, ficou indisposta durante a refeição, por isso retirou-se aos seus aposentos e à noite estive de cama com fortes dores de cabeça. A irmã Maria e o irmão Francisco estão um tanto indispostos; deste último recebi uma carta ontem. O bom tio Rodolfo teve que ser operado novamente. A irmã Carolina ainda não recebeu a caixinha que lhe mandaste, e também estou à espera de tua quarta carta. Fico feliz em saber que te lembrarás de minha coleção de minerais. Escreve-me sempre cartas tão longas quanto a última, assim também escreverei mais. Adeus, querida irmã, abraço-te mil vezes e acredita que sempre serás amada por tua irmã Leopoldina

Quase ia me esquecendo das lembranças que a tia e o tio Antônio te enviam, minha melhor amiga. Estou convicta de que compartilhas todas as tuas alegrias comigo, por isso quero dizer-te que vou para Karlsbad com a querida mamãe. Partimos no dia 5 de junho. Lá devo conhecer uma nova amiga, que é a Princesa Maria Ana, irmã do Rei da Saxônia. Dizem que é muito compreensiva e gentil. A Condessa Lazanzky te apresenta seus respeitos. Mais uma coisa: peço-te que me descrevas tudo o que vires quando fores a Paris. Se fores a Florença, como dizem, faz-me um relato minucioso dessa grande cidade e suas atrações. Em vez de me abraçar, abraça o imperador.

KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. **D. Leopoldina, Cartas de uma imperatriz**. São Paulo: Estação Liberdade, 2006, p. 181-184.

Fato importante é notar, inicialmente, que há uma relação fundamental na carta: o “eu” enuncia em função do “tu”. A imperatriz Leopoldina escreve para sua irmã, Maria Luísa. Ambas estão no continente europeu; a primeira em Praga, a segunda nas dependências do palácio dos Habsburgo-Lorena, na Áustria.

O distanciamento entre o locutor e o interlocutor é um dos principais elementos motivadores da escrita de cartas. A ruptura de vínculos – tão opressora à imperatriz – gera a produção de enunciados reveladores de subjetividade, a partir da apropriação de um modo particular de materializar-se no discurso.

Através da escrita, Leopoldina se instaura enquanto enunciatória frente à realidade de separação de sua enunciatária. Ela, então, projeta-se no discurso, enquanto autora de seu dizer. Atualizada por intermédio da linguagem, a palavra é garantia de exteriorização do pensamento, da subjetividade e do “ego” refletido na enunciação.

A natureza subjetiva que reside na enunciação instaura-se no domínio mnemônico da carta, considerando o discurso elaborado pelo “eu” em face do “tu”. É no âmbito transcendental da memória discursiva entre locutor / interlocutor que o espaço e o tempo enunciativos se encurtam, à medida que a imperatriz e sua irmã se aproximam apenas por intermédio da correspondência subjetiva que integra a escrita.

Acerca disso, Émile Benveniste, 2005, p. 278, questiona, ao mesmo tempo que traz

respostas, sobre “Qual é, portanto, a “realidade” à qual se refere eu ou tu? Unicamente uma “realidade de discurso”, que é coisa muito singular. Eu só pode definir-se em termos de “locução”, não em termos de objetos, como um signo nominal. Eu significa “a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém eu”. Instância única por definição, e válida somente na sua unicidade.”. (grifos do autor). Tal pressuposto fundamenta o efeito de encurtamento – do espaço e do tempo – pois é no campo subjetivo que o “eu” e o “tu” aproximam-se, ratificando a perspectiva inclusiva inerente à enunciação.

A relação “eu / tu” pode ser percebida em alguns fragmentos da carta de Leopoldina a Luísa, tais como: a) “Queridíssima Luísa! Tua carta tão carinhosa me trouxe alegria extraordinária e grande pesar ao mesmo tempo”, b) “Pensei muito em ti porque também gostas tanto de dançar”, c) “Fico feliz em saber que te lembrarás de minha coleção de minerais”, d) “Escreve-me sempre cartas tão longas quanto a última, assim também escreverei mais” e e) “Adeus, querida irmã, abraço-te mil vezes e acredita que sempre serás amada por tua irmã Leopoldina”. Há, sempre, o direcionamento do enunciador face ao enunciatário, corroborando o fundamento enunciativo da correlação de subjetividade. Essa perspectiva, via-instâncias de enunciação, reduz, na esfera discursiva, a distância espaço-temporal entre sujeitos.

A dualidade entre o “eu” e o “tu” é traço componente da escrita de cartas. O espaço de interlocução que se estabelece entre Leopoldina e Luísa tem como elemento extrínseco a ausência. Essa é preenchida à medida que o enunciador faz remissões enunciativas ao enunciatário, produzindo o efeito linguístico de encurtamento do espaço e do tempo na enunciação.

O filósofo da linguagem Dufour, 2000, p. 55, faz referência a esse fenômeno, explicando que

O homem, como falante, quaisquer que sejam os céus e os tempos, jamais fará outra coisa que não passar a vida indo de uma posição a outra, jamais sairá do espaço dual da fala. Para experimentar sua própria presença, para experimentar-se como sujeito, para ser um, é necessário ser dois: é mudando constantemente de posição que os interlocutores se afirmam mutuamente como presentes. “Eu-tu” é o espaço da copresença dos dois locutores. Se a troca de “eu” em “tu” e de “tu” em “eu” não existisse, não haveria troca de mensagens. Este é um fenômeno derivado: é uma simples consequência dessa troca primeira. É nessa troca fundamental, garantindo sua presença, que estão interessados os dois interlocutores. [...] Mas para que os dois sejam copresentes é necessário e suficiente que tenham expulsado a ausência de seu campo. (DUFOR, 2000, p. 55)

Na carta, a imperatriz interpela a irmã, explicitando a díade fenomenológica “eu / tu”. A primeira, estando em Praga, e a segunda residindo em Viena, tem entre elas o hiato da distância, amenizado pela temporalidade do discurso do locutor em relação ao interlocutor. O “eu” implica o “tu”. E é no interior dessa correlação subjetiva que o espaço e o tempo são encurtados no âmbito discursivo.

É necessário observar os verbos e seu funcionamento na carta. Para tanto, é preciso considerar um aspecto que os determina na enunciação – a temporalidade. O tempo é uma categoria enunciativa regida pela noção de pessoa, especificamente pela ausência ou presença dos índices de instauração da subjetividade.

A Teoria Enunciativa benvenistiana aponta um aspecto esclarecedor: a tradicional divisão de ordem paradigmática “passado, presente e futuro” não é suficiente para dimensionar o tempo. A língua escrita conserva formas tradicionais de emprego dos verbos; já a língua falada utiliza construções verbais atualizadas.

A carta escrita por Leopoldina a Luísa configura, no que tange ao uso dos verbos, a enunciação de discurso, pois essa modalidade enunciativa demanda a presença de um locutor frente a um interlocutor, através da qual o enunciador faz uso da categoria de pessoa dirigindo-se ao interlocutor.

Todos os tempos verbais, em todas as formas, estão presentes na enunciação de discurso. Em O aparelho formal da enunciação (BENVENISTE, 1970) afirma que “Da enunciação procede a instauração da categoria do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo. O presente é propriamente a origem do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo.”. Isso é mais um indicador que os verbos auxiliam a encurtar distâncias espaço-temporais nas trocas enunciativas, visto que na carta (enquanto enunciação de discurso) há a relação “eu / tu”. A categoria de pessoa constrói a singularidade do sentido à medida que uma forma verbal inerente a um ou outro sistema temporal é conjugada.

Essas considerações encontram justificativas nas palavras de Benveniste, 2005, p. 247, ao referir-se ao fato de que o verbo “é, com o pronome, a única espécie de palavra submetida à categoria da pessoa. O pronome, entretanto, tem tantos outros caracteres que lhe pertencem particularmente e comporta relações tão diferentes que exigiria um estudo independente. Utilizando, embora, oportunamente os pronomes, só consideraremos a pessoa verbal.”. A imperatriz dirige-se à irmã, mobilizando formas verbais dependentes da categoria de pessoa. Para isso, ela utiliza verbos próprios da enunciação de discurso e, nesse processo, subjetiva-se. Através da subjetividade, interior à enunciação, há o encurtamento do espaço e do tempo existentes entre o enunciador e o enunciatário presentes na carta.

O modo enunciativo de organização dos verbos pode ser visto em enunciados como, por exemplo:

a) “também me preocupa que não **tenhas** recebido as cartas que te **enviei** de Praga, nas quais **descrevi** vários prazeres que **desfrutei**.”. (grifos nossos);

b) “Mas agora **tenho** uma coisa para contar que vai te divertir muito: a descrição exata da universidade local.”. (grifo nosso);

c) “A irmã Carolina ainda não recebeu a caixinha que lhe mandaste, e também **estou** à espera de tua quarta carta.”. (grifo nosso);

d) “**Estou** convicta de que **compartilhas** todas as tuas alegrias comigo, por isso **quero dizer-te** que vou para Karlsbad com a querida mamãe.”. (grifos nossos);

e) “Mais uma coisa: **peço-te** que me **descrevas** tudo o que **vires** quando **fores** a Paris. Se **fores** a Florença, como dizem, **faz-me** um relato minucioso dessa grande cidade e suas atrações.”. (grifos nossos).

O termo “enunciação”, na expressão “enunciação de discurso”, se refere propriamente ao acontecimento, a partir do qual o sujeito se apropria da língua e enuncia. Há, nesse sentido, marcas formais que caracterizam o discurso, destacando-se os verbos. O uso verbal depende diretamente da correlação de subjetividade “eu / tu”, pois as escolhas, mesmo que inconscientes, do enunciador para se dirigir ao enunciatário constroem sentidos a partir do uso de certos verbos em detrimento de outros.

No âmbito do discurso, o locutor interpela o interlocutor, organizando o que diz calcado na categoria de pessoa. A língua tem duas faces: as relações e as oposições. Quanto à face relativa, o “eu” enuncia ao “tu” auxiliado pelos verbos. Isso pode ser visto no seguinte esquema:

a) enviei, descrevi e desfrutei —————> tenhas;

b) estou e quero —————> dizer-te e compartilhas;

c) peço-te e faz-me —————> descrevas, vires e fores.

A relação construída na carta da imperatriz à irmã se baseia, sempre, na relação “eu / tu”. No campo enunciativo, os verbos unem-se aos pronomes não para se oporem a eles, mas para complementá-los. Essa completude garante que, através do discurso, as distâncias espaço-temporais sejam encurtadas entre o enunciador e o enunciatário.

A materialização do outro e a redução do espaço são possíveis pelo fato de ambas estarem imersas no domínio do discurso, influenciadas tanto pela subjetividade do “eu” em relação ao “tu” quanto pelo sentido produzido pelos verbos. Acerca disso, Émile Benveniste, 2005, p. 267, revela que é preciso

Entender discurso na sua mais ampla extensão: toda enunciação que suponha um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar, de algum modo, o outro. É em primeiro lugar a diversidade dos discursos orais de qualquer natureza e de qualquer nível, da conversa trivial à oração mais ornamentada. E é também a massa dos escritos que reproduzem discursos orais ou que lhes tomam emprestados a construção e os fins: correspondências, memórias, teatro, obras didáticas, enfim todos os gêneros nos quais alguém se dirige a alguém, se enuncia como locutor e organiza aquilo que diz na categoria da pessoa. (ÉMILE BENVENISTE, 2005, p. 267)

O discurso permite o emprego de todas as formas dos verbos. A relação de pessoa e a correlação de subjetividade estão presentes na escrita leopoldinense, aproximando Leopoldina e Luísa à medida que o locutor escreve ao interlocutor e, na dimensão mnemônico-discursiva, faz do espaço e do tempo elementos não de distanciamento, mas

de proximidade.

Considerações finais

Foi possível, nessa perspectiva, notar que há uma dupla faceta que integrou a carta de Leopoldina à Maria Luísa: a impossibilidade de falar tudo ao enunciatário e o impedimento de calar por completo diante do alocutário.

E, em meio a essa mescla entre a intimidade, a privacidade e o segredo, o enunciador conseguiu, através da escrita da correspondência, realizar a alternância materializada na antítese “comunicação versus solidão”. O fato de não poder realizar a troca verbal, face a face, com outro indivíduo, ocorreu outrora e ainda ocorre, hoje, devido a circunstâncias como a distância territorial, as separações, as viagens e os exílios, dentre outras. À carta, então, é atribuída a função de mediadora, facilitando a interação entre diferentes elementos de determinada comunidade linguística.

A linguagem – enquanto exercício – possui representatividade no que tange à caracterização da funcionalidade dos pronomes. Os indicadores de subjetividade “eu” e “tu”, junto dos verbos, não atuaram, na carta da imperatriz, como índices linguísticos estáveis, visto que estiveram suscetíveis à mobilidade intrínseca à práxis da língua.

A questão norteadora estabelecida encontrou resposta-chave que a ratificou, pois os pronomes “eu” e “tu”, além dos verbos, atuaram no discurso da carta como elementos encurtadores de distâncias espaço-temporais nas trocas enunciativas realizadas pelo enunciador em face de seu enunciatário.

Quanto ao objetivo geral, que foi demonstrar que os pronomes “eu”, “tu” e os verbos são elementos encurtadores de distâncias espaço-temporais no processo de trocas enunciativas realizadas entre Leopoldina e sua irmã, houve a nítida confirmação, sendo alcançado em sua integralidade.

No que tange aos objetivos específicos, algumas proposições fizeram parte deste trabalho:

a) mostrar que o par pronominal “eu” e “tu” é traço linguístico-enunciativo atenuante e redutor de distâncias entre diferentes enunciadores inseridos no âmbito da enunciação;

b) reconhecer que tanto o indicador de subjetividade “eu” quanto o “tu” são capazes de materializar o outro (o interlocutor), mesmo que tal fato não ocorra presencialmente, em situações de interação enunciativa;

c) verificar o comportamento pronominal e verbal, enquanto índices instauradores de subjetividade, em um determinado espaço e período temporal, a partir de um texto pertencente ao gênero carta, escrito por Leopoldina a um enunciador.

É possível afirmar que todos os objetivos foram cumpridos, validando,

positivamente, a hipótese que os pronomes “eu” e “tu”, auxiliados pelos verbos, atuam como elos de reaproximação entre a imperatriz Leopoldina e a corte dos Habsburgo-Lorena.

O fato que a Teoria Enunciativa benvenistiana conquista, ano após ano, cada vez mais adeptos interessados em estudá-la é notório. Isso se deve ao fato, talvez, de que, por ser uma área de estudos relativamente nova no Brasil, ela oferece oportunidades de discutir muitas questões importantes que ainda não foram o suficientemente exploradas pelas Ciências da Linguagem, como o estudo dos pronomes e dos verbos na carta.

A partir deste estudo linguístico-histórico e enunciativo, o leitor está convidado a explorar novos conhecimentos, os quais possam dar prosseguimento à temática aqui apresentada. A Ciência conviverá, dessa forma, um pouco mais com o “irrepetível” e “sempre novo” que emanam da Enunciação.

In a letter from empress Leopoldina, the relationship between “i”, “you” and verbs as space-time shortening elements

Abstract

Émile Benveniste's Enunciative Theory allows the teachings disseminated by its creator to be applied in the study and analysis of different texts. In this sense, this work aims, in general, to demonstrate that the pronouns "I" and "you", together with the verbs, are shortening elements of space-chronological distances in the process of enunciative exchanges carried out by the Empress Leopoldina. This fact arises from the hypothesis that the category of person, expressed by "I" and "you", aided by verbs, acts as a link of rapprochement between Leopoldina and the Habsburg-Lorraine court. In order to carry out this bibliographic-reflective task, concepts from the works of Problems in General Linguistics I (2005) and Problems in General Linguistics II (2006), both by Benveniste, will be mobilized, enriched by the thought of scholars of the author's theory. In a Leopoldine letter, the pronouns "I" and "you", in addition to the verbs, will soon produce different effects of meaning.

Keywords: Enunciation; Leopoldina; Letter; Pronouns; Verbs

Referências

BENVENISTE, Ê. A Natureza dos pronomes. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. Campinas: Pontes Editores, 2005, p. 277-283.

_____. As relações de tempo no verbo francês. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. Campinas: Pontes Editores, 2005, p. 260-276.

_____. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. Campinas: Pontes Editores, 2005, p. 284-293.

_____. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. Campinas: Pontes Editores, 2005, p. 247-259.

_____. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral II**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006, p. 81-90.

CASTRO, E. M. M. Odeio cartas. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádya Battella. (Orgs.). **Prezado senhor, prezada senhora: estudo sobre cartas**. São Paulo: Companhia

das Letras, 2000, p. 11-18.

DUFOUR, Dany-Robert. **Os mistérios da trindade**. Dany-Robert Dufour; [tradução Dulce Duque Estrada. – Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

FLORES, V. N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

KANN, Bettina; LIMA, Patricia Souza. **D. Leopoldina, Cartas de uma imperatriz**. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

MORAES, E. R. A cifra e o corpo: as cartas de prisão do marquês de Sade. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella. (Orgs.). **Prezado senhor, prezada senhora: estudo sobre cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 55-60.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

SANTOS, Matildes Demetrio dos. **Ao sol carta é farol: a correspondência de Mario de Andrade e outros missivistas**. 1. ed. São Paulo: Editora Annablume, 1998.

SOUZA, E. M. A dona ausente: Mário de Andrade e Henriqueta Lisboa. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella. (Orgs.). **Prezado senhor, prezada senhora: estudo sobre cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 297-306.

TOLDO, Claudia; FLORES, Valdir do Nascimento. Esboço de uma abordagem enunciativa do texto. In: TOLDO, Claudia; STURM, Luciane. (Orgs.). **Letramento: práticas de leitura e escrita**. Campinas: Pontes Editores, 2015, p. 37-50.

